



## REPRESENTAÇÃO DOS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO: PERSPECTIVAS INSÓLITAS NO CONTO “LUA CHEIA”, de CIDINHA DA SILVA<sup>1</sup>

Lucas Matheus da Silva de Carvalho<sup>2</sup>  
*Universidade Estadual de Londrina (UEL)*

### RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar e refletir sobre o conto “Lua cheia” (2018), da autora mineira Cidinha da Silva, de modo a evidenciar os artifícios do insólito ficcional, elencados pela autora para destacar valores sociais nas representações dos papéis de gênero. Utilizaram-se os pressupostos teóricos de: Roas (2012); Saffioti (2015); Trevisan e Atik (2019); Muszkat (2018); dentre outros. A narrativa em questão toca em questões sociais relevantes, como o papel desempenhado socialmente por homens e mulheres, indicando grandes diferenças entre eles. Em relação ao insólito ficcional, percebeu-se que ele é utilizado para subverter o protagonismo feminino. **Palavras-chave:** Cidinha da Silva. Insólito Ficcional. Papéis de gênero. Representações.

### ABSTRACT

This study aims to analyze and reflect on the short story "Full Moon" (2018), by Minas Gerais author Cidinha da Silva, in order to highlight the artifices of the fictional unusual, listed by the author to highlight social values in the representations of gender roles. The theoretical assumptions of: Roas (2012); Saffioti (2015); Trevisan and Atik (2019); Muszkat (2018); among others. The narrative in question touches on relevant social issues, such as the role played socially by men and women, indicating major differences between them. Regarding the fictional unusual, it was noticed that it is used to subvert the female protagonism.

**Keywords:** Cidinha da Silva. Fictional Unusual. Gender Roles. Representations.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mais que o exercício de uma função, a literatura nos oferece isso como dádiva, como possibilidade de expansão da alma, da percepção, e aí, a gente vai se nutrindo, crescendo, ampliando possibilidades de leitura e de interpretação do mundo. (SILVA, 2020)

Comumente lemos ou ouvimos falar que o texto literário nos transporta para outros mundos, nos ajuda a exercitar a memória e contribui com a ampliação de nosso vocabulário. É claro que há uma efetividade nestas contribuições, mas acreditamos que elas não são as únicas. Assim, ao lermos a epígrafe que inaugura as primeiras palavras aqui delineadas, observamos que a literatura é capaz, ainda, de nos (in)formar e inevitavelmente, nos transformar.

---

<sup>1</sup> Esse texto é resultado das discussões levantadas no projeto de pesquisa denominado Iluminuras do insólito na literatura latino-americana dos séculos XIX e XX, desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, que visa dialogar sobre o insólito à luz de narrativas contísticas da literatura latino-americana, bem como verificar as relações entre si, a partir do ponto de vista da literatura comparada e seus conceitos operatórios, e também por meio da disciplina eletiva, Vozes femininas na literatura, do curso de mestrado, do Programa de Pós-graduação em Letras da UEL, em que se estudou as representações de gênero em textos literários produzidos por mulheres.

<sup>2</sup> É mestre em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras, da UEL e professor da Rede Estadual de Londrina- PR.  
E-mail: lucas.matheus.silva@uel.br



Dentro desta perspectiva, na contemporaneidade, por meio da literatura, autoras brasileiras estão reivindicando contra o silenciamento e o papel de submissão da figura feminina em nossa sociedade. Com a ajuda das contribuições feministas que estão empoderando mulheres, as autoras, em suas narrativas contísticas, lançam mão do insólito para revelar-nos questões sociais. Tais revelações ocorrem por meio do uso de estratégias e linguagens próprias do gênero (TREVISAN, ATIK, 2019).

Podemos citar algumas autoras como exemplos Juliane Vicente, Carol Mancini, Úrsula Antunes, Thais Messoria, dentre outras. Elas são escritoras que publicaram e/ou publicam em editoras independentes. Da mesma maneira, a escritora Cidinha da Silva, em alguns momentos de sua produção, recorre ao insólito ficcional, como no conto “Lua Cheia” que selecionamos para esse trabalho.

Neste sentido, a presente pesquisa tem por escopo apresentar brevemente a autora Cidinha da Silva; analisar o conto em tela, refletindo sobre como as representações das relações de gênero destacam valores sociais, ainda vigentes na contemporaneidade; e por fim, examinar a presença do insólito ficcional e sua relação com o papel desempenhado pela figura feminina no matrimônio representado.

## 1 CIDINHA DA SILVA: EXPANDINDO NOSSO DIÁLOGO COM O MUNDO

Popularmente conhecida como Cidinha da Silva, Maria Aparecida da Silva, atualmente tem 55 anos, nasceu em 1967, em Belo Horizonte (MG), e mora em São Paulo (SP). Atua como escritora e editora na editora Kuanza Produções, mas também é pesquisadora, sobre relações sociais, relações de gênero e estabelece diálogos entre educação e juventude (ROCHA, 2017). Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidiu o Geledés – Instituto da Mulher Negra, fundou o Instituto Kuanza, que promove ações de educação, ações afirmativas e articulação comunitária para a população negra. Além disso, foi gestora de cultura na Fundação Cultural Palmares<sup>3</sup>.

Teve sua estreia na literatura em 2006, com o livro de crônicas, *Cada tridente em seu lugar*. Ganhadora de algumas premiações importantes no âmbito da literatura, a saber: Prêmio Literário Biblioteca Nacional (2019) na categoria contos, por conta de seu livro *Um Exu em Nova York* e Prêmio Rio Literatura – 4.ª edição (2019), na categoria ensaio, com o livro *Explosão feminista – arte, cultura, política e universidade*, na qual é coautora. Tem publicações em alemão, catalão, espanhol, inglês, italiano e francês.

Autora de 19 livros em diversos gêneros (ver quadro 1), do qual o livro infanto-juvenil intitulado *Os nove pentes d’África* (2009), foi incluído no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), passando a ser distribuído em diversas escolas públicas de nível fundamental no Brasil. Além dos livros publicados, Cidinha ainda é curadora e âncora do programa-web *Almanaque Exuzilhar*<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Instituição pública voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira. Mais informações em: <https://www.palmares.gov.br>. Acesso em: 04 jun. 2022.

<sup>4</sup> Toda segunda-feira das 18h às 21h, ao vivo, no canal, Jornalistas Livres, do Youtube. Mais informações em: <https://www.youtube.com/c/JornalistasLivres>. Acesso em: 04 jun. 2022.



Quadro 1 – Publicações literárias de Cidinha da Silva

	Título	Gênero	Editora	Data de publicação
1	Ações afirmativas em Educação: experiências brasileiras	ensaio	Summus (SP)	2003
2	Cada tridente em seu lugar e outras crônicas	crônicas	Mazza Edições (MG)	2006
3	Você me deixe, viu? Eu vou bater o meu tambor!	crônicas	Mazza Edições (MG)	2008
4	Os nove pentes d'África	novela	Mazza Edições (MG)	2009
5	O mar de Manu	conto para crianças	Kuanza Produções (SP)	2011
6	Kuami	romance para crianças	Nandyala (MG)	2011
7	Oh, margem! Reinventa os rios!	crônicas	Selo Povo (SP)	2011
8	Racismo no Brasil e afetos correlatos	crônicas	Conversê (RS)	2013
9	Baú de miudezas, sol e chuva	crônicas	Mazza Edições	2014
10	Africanidades e relações raciais: Insumos para Políticas Públicas na área do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas no Brasil	ensaios	Fundação Cultural Palmares (DF)	2014
11	Sobre-viventes!	crônicas	Pallas (RJ)	2016
12	Canções de amor e denço	poemas	Me Parió Revolução (SP)	2016
13	# Parem de nos matar!	crônicas	Ijumaa (SP)/Kuanza Produções (SP)	2016
15	O homem azul do deserto	crônicas	Malê (RJ)	2018
16	Um Exu em Nova York	contos	Pallas (RJ)	2018
17-A	Exuzilhar – melhores crônicas de Cidinha da Silva, vol.1	crônicas	Kuanza Produções (SP)	2019
17-B	Pra Começar – melhores crônicas de Cidinha da Silva, vol.2	crônicas	Kuanza Produções (SP)	2019
18	O teatro negro de Cidinha da Silva	dramaturgia	Aquilombô (MG)	2019



19	Movimento de Mulheres Negras e Feminismo Negro no Brasil: uma memória	ensaio	N-1 (SP)	2020
----	---	--------	----------	------

Fonte: Adaptado de Silva (2021) e Literafro (2021).

A escritora possui um grande repertório que perpassa vários gêneros literários e neles todos tece críticas e reflexões: ao sistema racista instalado em nossa sociedade; às mortes prematuras de jovens negros; às desigualdades sociais, voltadas às interseccionalidades de raça e de gênero. Em outras palavras, apresenta narrativas engajadas socialmente, com textos que abordam temas como ancestralidade negra, africanidades, feminismo e racismo, que permeiam essa seara do saber e dialogam diretamente com suas pautas sociais.

Em suma, por virtude de a sociedade contemporânea estar repensando a sua forma de ser e estar no mundo é que elencamos a seguinte afirmação de Telles: “As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera” (TELLES, 2004 *apud* KNAPP, 2020, p. 29). Portanto, a abordagem temática da autora em discussão é totalmente influenciada por seu contexto de produção e pelas demandas sociais do século XXI.

## 2 REPRESENTAÇÃO DOS PAPÉIS DE SOCIAIS DE GÊNERO EM NARRATIVAS CONTÍSTICAS DE CIDINHA DA SILVA

Nesse artigo propomo-nos a observar o conto “Lua Cheia” da coletânea de contos *Um Exu em Nova York*<sup>5</sup>, de Cidinha da Silva, publicado em 2018, pela editora Pallas e reimpressa pela segunda vez, em 2020, somando assim, aproximadamente 6.500 cópias em circulação (SILVA, 2021). Nas palavras da própria escritora, em um ensaio publicado pela *Revista Z Cultural*<sup>6</sup>, denominado como “Percurso de uma escrita durante o período de doutoramento”, ela observa que alcançou “[...] esses números raros mesmo publicando por editoras pequenas e médias, as chamadas editoras independentes.” (SILVA, 2021), que estão se expandindo no Brasil.

O livro traz 19 contos e dentre esses selecionamos o décimo, denominado como “Lua Cheia”. Nele, assim como em narrativas das autoras citadas anteriormente, Cidinha da Silva apresenta diferenças nas representações fundadas em gênero e faz uso do insólito para gerar inquietações em seus leitores, propondo reflexões sobre os valores patriarcais ainda vigentes em nossa sociedade.

No que diz respeito ao enredo da narrativa, trata-se de uma dona de casa, esposa e trabalhadora, mulher mais velha, que leva uma vida solitária e infeliz por causa do comportamento do marido. Um dia, algo inesperado acontece. Seu marido não volta para casa após o dia de trabalho, como de costume, e ela se preocupa, mas não deixa de ir ao seu trabalho autônomo na feira, logo pela manhã. A partir de uma vizinha, consegue pistas sobre o paradeiro do seu esposo e, após o trabalho, sai a sua procura. Ela o encontra ficando com outra mulher em uma casa distante, situada próxima ao rio. Furiosa, começa a chorar, e logo depois volta para casa sob a luz do luar, daquela noite de lua cheia, reprimindo seu ódio e raiva. No dia seguinte, acorda com a notícia da misteriosa morte do seu marido. Por fim, na presença de familiares e conhecidos, realizou em sua casa uma cerimônia de despedida para o corpo do defunto, cumprindo suas últimas obrigações

<sup>5</sup> Um Exu em Nova York, é um dos 11 livros (8 inéditos e 3 reedições) publicados pela autora em seu período de doutoramento (2015-2020) (SILVA, 2021).

<sup>6</sup> Revista do Programa de Avançado de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.



como esposa. Neste momento, os leitores têm uma última pista insólita sobre o que teria causado a morte do marido.

O feminismo propõe à literatura a consciência de ampliar a voz da produção literária realizada por mulheres e questionar a visão de submissão feminina existente na sociedade e nas representações da literatura (MIRANDA, 2021, p. 74). Desta maneira, fica claro o posicionamento político da autora, sua perspectiva feminista e as denúncias sociais sobre a condição feminina que ela constrói a partir da esposa.

Por conta da narrativa em terceira pessoa, o narrador não participa da história como personagem, mas ocupa um lugar de testemunha<sup>7</sup> dos eventos que ali se desenrolam, assim, nos faz conhecer os aspectos de opressão masculina contra o feminino dentro do casamento da protagonista. Conseqüentemente, fazendo uso dessa representação pautada em gênero, e de alguns recursos literários, Cidinha da Silva questiona tais comportamentos tipicamente masculinos ainda presentes na sociedade brasileira, refletindo-os na literatura, propondo ao seu leitor pensar como culturalmente se estabelecem os papéis de gênero nas relações entre homens e mulheres.

No que diz respeito ao espaço da narrativa, ele altera-se em alguns momentos, pois há um lugar de trânsito em que as personagens transitam de casa para o bar, do bar para casa, de casa para a feira, da feira para casa, de casa para a rua, e da rua para casa. A própria autora, em entrevista sobre o livro *Um Exu em Nova York*, para Márcia Maria da Cruz (2018), afirma que: “[...]. As histórias são muito localizadas nesse lugar de trânsito, que é por excelência o lugar de Exu. É um ser que está nas ruas se movimentando o tempo todo”, e atesta assim, a nossa ideia de diálogos entre vida e obra, uma vez que resgata elementos ancestrais da diáspora negra juntamente com problemáticas sociais.

Ao lançar um olhar mais apurado a estes espaços da narrativa, percebemos que a figura feminina transita majoritariamente, no início da narrativa em dois espaços, um que é sua casa (espaço doméstico) e o outro que é a feira (espaço público). Para ela, ambos os espaços não são destinados ao desfrute de um momento de lazer. Primeiro, porque na feira ela trabalha informalmente, e segundo, porque em casa, quando os filhos ainda eram pequenos, era ela, a única responsável pelas diversas tarefas do lar e ainda, pelo afeto e cuidado dos filhos, como visto nos seguintes trechos: “[...] ele [o marido] chegava, a cumprimentava, perguntava se as meninas haviam dado notícia, ligava a TV, jantava e dormia” (SILVA, 2018, p. 37); “Vinte e quatro anos de casados e ele [o marido] tinha feito cuscuz para os meninos uma única vez, em que ela estava doente e sua irmã demorara a chegar. Para ela mesma ele nunca fizera sequer uma garapa.” (SILVA, 2018, p. 39).

Em contrapartida, a figura masculina transita em diversos espaços, são eles: a) bar: estabelecimento que muito frequenta e permanece por um longo período do dia; b) sua própria moradia: local em que faz suas refeições, descansa e se entretém com a TV; c) casa da amante: local destinado ao desfrute de seus prazeres sexuais; d) feira: local de trabalho informal, que deixa de frequentar para estar com a amante. Portanto, a figura masculina, em detrimento da figura feminina, usufrui de momentos de descanso, de prazer e desocialização com outras pessoas fora do seu eixo familiar. Enquanto à figura feminina, coube o trabalho e a preocupação com o fim do casamento, que poderia ocorrer de forma abrupta e pouco gentil.

---

<sup>7</sup> É aquele “que se limita a narrar o que vê acontecer, numa visão limitada e externa aos acontecimentos” (RECTOR, 2015, p. 57).



Quanto ao tempo narrativo, ele é essencialmente cronológico pois há uma sequência linear dos fatos descritos pelo narrador, que se dão em dois dias, sendo eles: sábado e domingo. Ele pode ser observado pelas seguintes marcações: “todas as noites da semana; sexozinho semanal; aos sábados” (SILVA, 2018).

Pelo fato de a narrativa apresentar personagens planas, que são aquelas aos quais só temos acesso aos aspectos que a autora deseja nos mostrar, notamos que uma de suas intenções é retratar um grupo com as peculiaridades bem conhecidas socialmente de homens e mulheres, apresentados nas características típicas da esposa e do marido. Logo, são personagens dinâmicas, pois nos são expostos por meio de suas ações, como claramente vemos acontecer com a protagonista. A figura masculina representada pelo marido também é o antagonista da narrativa, pois se opõe sistematicamente nesta relação de poder patriarcal à protagonista em diversos momentos da história, estabelecendo assim o conflito da narrativa.

Após a apresentação da protagonista, de seu marido e do espaço, a narrativa revela um drama. A esposa, ao dedicar um tempo de reflexão, torna-se consciente de um possível abandono e traição de seu marido. A partir deste lugar, toma a decisão de ir procurá-lo: “Não ia esperar que ele voltasse para casa e lhe desse o pé na bunda depois de tantos anos” (SILVA, 2018, p. 38). O que mostra de alguma forma a consciência da protagonista em relação a sua condição de submissão em seu casamento, mas também denota a ocupação de um lugar ativo, não mais passivo nessa relação.

Essa conscientização da figura feminina em relação ao seu papel na sociedade é revelada ao leitor desde o início da narrativa, pelas filhas gêmeas do casal. Ao invés de perpetuarem o ciclo de submissão feminina enquanto esposas, em que consiste: cuidar do lar, do marido e dos filhos, as meninas seguem vida acadêmica, exibindo-nos a busca por conhecimento, por um melhor nível de instrução. O que só é possível, graças a aquisição do direito de acesso a universidade, que é uma das diversas conquistas dos movimentos feministas, que lutam por igualdade dos direitos entre homens e mulheres.

A literatura sob a ótica do olhar de Cidinha da Silva, que é um olhar feminino, transcreve comportamentos ainda vigentes em nossa sociedade contemporânea. No conto, fatores sociológicos são evidenciados quando a representação feminina rompe com padrões tradicionais em relação ao percurso da vida adulta das mulheres.

Avaliamos o estado emotivo inicial da protagonista, e percebemos que ele está a mercê dos profundos impactos da violência masculina advindas de seu marido. Isto posto, vemos que o homem é representado como ausente enquanto marido, mas também enquanto pai. Enquanto marido, é ausente nos aspectos: afetivos, emocionais e sexuais, e por essa razão, nos fica claro que ele aprisiona sistematicamente sua esposa a um relacionamento abusivo.

Há um abuso nesse relacionamento, porque a violência de gênero se faz presente, e está manifestada como violência psicológica e violência sexual. A respeito de tal violência, Saffioti afirma que: “[...] a violência de gênero pode ser perpetrada por um homem contra outro, por uma mulher contra outra. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura.” (SAFFIOTI, 2015, p. 71).

Interpretamos a presença da violência psicológica, através do marido que deixa de procurar sua esposa para a prática de relações sexuais, em detrimento de suas idas ao bar, causando a ela um dano emocional e diminuição de sua autoestima, como vemos no referido trecho: “Havia duas novidades [para ela], a primeira, [ele] passar em casa para tomar banho antes de seguir para o bar;



a segunda, não procurá-la mais para o sexozinho semanal.” (SILVA, 2018, p. 37). E a existência de violência sexual, em razão de seu marido a limitar e reprimir o exercício de seus direitos sexuais, deixando morrer, em seu corpo feminino, vontades e desejos de sentir como era receber uma estimulação oral-genital, feita por seu próprio parceiro, como vemos no trecho a seguir:

Naquela hora ela quis morrer. Como quis saber o gosto daquilo, mas o marido dizia que era coisa de puta, que ela era uma mãe de família. Isso quando ela era jovem e eles transavam muito. À medida que o tempo foi passando a vontade morreu no corpo, entretanto, ficou a memória do desejo, e seu homem estava ali, realizando a fantasia dela com outra. (SILVA, 2018, p. 39-40)

Por esse ângulo, ao analisar as relações de poder da narrativa, construídas na relação entre marido e mulher, percebemos que fatores sistematizados em uma estrutura social se fazem presentes. O poder se exerce por meio das relações que criaram as próprias categorias “ganhador” e “perdedor” (COLLINS; BILGE, 2021). Neste caso, podemos interpretar que a esposa está sendo representada como a “perdedora”, pois ocupa o lugar de submissão, e o marido como o “ganhador”, pois é ele quem dita as regras, quem cria as leis, às quais sua esposa deve se submeter e assim, passa a fiscalizar a sexualidade feminina.

Lacan afirma que “por ser portador do falo, o homem dominaria não apenas os espaços de poder, mas também os do prazer. A completude do homem aponta para algo que evoca a castração da mulher e sua incompletude.” (LACAN, 1985 apud MUSZKAT, 2018, p. 50). Essa castração da qual passa a protagonista, vai sendo escancarada desde o início da narrativa até o momento em que encontra o marido. Como o marido não retorna para casa, ela passa a se sentir ansiosa e com dúvidas em relação ao paradeiro de seu homem:

Trabalhou em silêncio, vendeu tudo, **matutando** onde o marido poderia estar. [...] Os miolos da mulher se revolviam de **ódio e de dúvidas**. Ao contrário do que havia afirmado, resolveu procurar o pai de seus filhos. Talvez já planejasse isso. **Não ia esperar que ele voltasse para casa e lhe desse o pé na bunda depois de tantos anos**. (SILVA, 2018, p. 38, grifo nosso)

Sua virada de chave ocorre quando toma consciência dessa relação abusiva a partir do momento que ela vê seu homem praticar sexo oral na amante. O mesmo marido que outrora havia lhe dito que sexo oral “era coisa de puta, que ela era uma mãe de família” (SILVA, 2018, p. 39), agora tinha outros princípios em relação à amante. É como se ela precisasse ver para crer que o seu marido, “homem bom, gostava muito dos filhos, era trabalhador e não batia nela, não gritava” (SILVA, 2018, p. 38), não precisava da violência física para violentá-la. Ele a violentava de diversas maneiras, a mantendo sempre em um estado de submissão.

O estado emotivo da figura feminina transita ainda, do estado de surpresa à raiva, quando ela chega a chorar de raiva, ao testemunhá-lo dando carinhosamente, prazer a outra mulher. O marido:

Molhava a toalha e passava pela barriga, coxas, pernas e pés. [...] Molhou a toalha e foi passando pelas partes.  
Que homem desconhecido era aquele? E nessa hora chorou e desviou os olhos. Mas ainda não tinha terminado, quando olhou de novo viu o marido já deitado de barriga pra cima e a mulher sentada na cara dele. (SILVA, 2018, p. 39)



Socialmente, espera-se que as mulheres abafem sua raiva, “muitas vezes para aplacar os outros – ao custo de sua própria saúde física e mental” (CHEMALY, 2018, *apud* SUTTIE, 2018). A esposa da narrativa em questão cumpre esse papel social até determinado momento, como explícito em:

Aquela podia ser uma boa hora para acabar com os dois, pegava ele desprevenido, deitado, lambuzado, e a mulher de costas. Começava por sentar o facão abaixo da cintura dele, depois cortava a cabeça dela, voltava a ele, que estaria desesperado de dor, sem reação, e terminaria o serviço.

**Ela pensava em matá-lo, mas não tinha forças.** Só ódio. (SILVA, 2018, p. 40, grifo nosso)

Reconhecemos que a esposa cumpre esse papel somente até determinado momento da narrativa, pois vemos que acontecimentos fantásticos vão se desenrolando exatamente para colocá-la em um outro lugar, em uma outra condição social, dando-lhe a possibilidade de justiça, conseqüentemente, de vingar-se do marido pelos terríveis anos de casamento. Nesse sentido é que o insólito se instaura, toda uma ambientação o favorece, e gera uma inquietação e um sentimento de dúvida nos leitores.

O recurso insólito é usado ainda, para que a mulher possa expressar sua raiva, sem ser julgada como louca ou irracional e sim, como virtuosa, porque mesmo sendo traída, ela não deixa de cumprir “a função desagradável de receber cumprimentos pela morte de um homem que já deixara de significar qualquer coisa para ela” (SILVA, 2018, p. 40). E assim, não vira alvo de julgamentos.

Conseqüentemente, o estado emotivo da protagonista fica neutro, não chocando-se ao deparar-se com o corpo morto do marido e, com os conhecidos que foram velá-lo. Neutro, porque ainda que demonstre certa indiferença em relação à morte do homem, a mulher mostra-se aberta e disposta a consolar suas filhas, como vemos na seguinte passagem: “Abraçou as filhas chorosas, consolou-as.” (SILVA, 2018, p. 41).

Acreditamos que a infidelidade matrimonial cometida pelo marido, configura-se como uma ferramenta de abuso nociva à psique da esposa. Por conseguinte, a figura masculina neste conto mostra-se irresponsável em relação à figura feminina, porque descumprimento o pacto feito a sua esposa de um relacionamento monogâmico.

É dessa maneira que a desigualdade entre essas relações de gênero “é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência.” (SAFFIOTI, 2015, p. 71). Nesse sentido, é o marido quem faz a manutenção dos privilégios dados pelo patriarcado para o exercício de subjugação de sua mulher.

É inquestionável que o insólito está presente nesta narrativa, uma vez que ele transgride a possibilidade do real (TREVISAN, 2022). Nela, usa-se a linguagem para envolver o leitor e dar-lhe pistas do que pode vir a acontecer. O próprio título do conto, “Lua Cheia”, é bem sugestivo, e funciona como uma das diversas pistas que o narrador deixa aos leitores. O título remete-nos à lenda folclórica do lobisomem, em que um homem durante noites de lua cheia, transforma-se em um lobo feroz.

Nesta lenda, acredita-se que um homem está fadado à transmutação física, quando “deus” o castiga pela prática de alguma imoralidade. No conto, ocorre uma subversão desses valores. Segundo nossa leitura, a figura feminina, ao invés da masculina, é quem passa pela





metamorfose, transformando-se em lobisomem, não por castigo divino e sim, por um presente de Exú<sup>8</sup>, que de alguma maneira, tenta ajudá-la a sair da encruzilhada em que se encontra. A encruzilhada em questão, seria esse ponto crítico em que a protagonista precisa externalizar a sua raiva, mas não consegue e não pode, pois como já mencionamos, se o fizesse, a sociedade a julgaria e a teriam por louca e raivosa.

Deste modo, desde a ambientação do possível paradeiro do marido, que é um cenário escuro, meio gótico, a figura da esposa está situada nesses ambientes insólitos: “recebeu informação sobre uma **casa afastada**, meia légua para cima da cabeceira do rio, já **bem dentro da mata**, que o marido vinha frequentando” (SILVA, 2018, grifo nosso).

A mulher que, sem medo, transita pela mata, com um facão na mão, em noite de lua cheia, a procura do paradeiro de seu marido, é a mesma que outrora reprimira seus desejos sexuais em prol de seu infiel parceiro. A narrativa não diz quando e como o facão foi usado por ela, mas, menciona que ao chegar em casa ela o limpou. Isso gera, em nós leitores, uma ligeira dúvida dos acontecimentos. Há então, uma ambiguidade. Teria ela usado o facão para matar seu marido? Ou teria utilizado o facão para cortar o mato alto, desbravando o caminho?

A dúvida é instalada entre os leitores, exatamente por conta desses elementos. Inclui-se ainda, o fato de que a única testemunha dos fatos ocorridos é a lua, que “testemunhou o quanto [ela] se remoía de raiva (SILVA, 2018, p. 38), sendo sua cúmplice. O mesmo ocorre com os fiapos encontrados nos dentes da avó, como vemos no seguinte trecho: “E foi o neto quem viu primeiro os fiapos de linha da roupa do avô nos dentes da avó” (SILVA, 2018, p. 41).

Tanto os fiapos de roupa, quanto o facão seriam o que Ceserani (2006, p.74) chama de “objetos mediadores”, que fazem uma ligação entre a realidade e a ficção sobrenatural, fazendo com que os leitores duvidem do que realmente aconteceu. Em outras palavras, é a ferramenta narrativa utilizada para tirar o leitor da zona de conforto, capaz de transportá-lo ao universo fantástico, onde é possível, por exemplo, a leitura dedutiva de que a esposa se transformou em lobisomem.

Nesse sentido, o insólito ficcional enquanto recurso literário, possibilita uma outra realidade possível em que temos a sugestão de que a figura feminina virou um lobisomem, vingou-se de seu marido, e ainda consegue livrar-se do julgamento social por tal ato. Ela passa a ser vista como virtuosa, qualidade atrelada socialmente à homens, quando dão vazão a sua raiva. A representação da esposa deixa de lado a ideia de mulher irracional, louca e insensata, geralmente associada às mulheres que expressam sua raiva e passa a ter a representação de justiceira.

Conclui-se, portanto, que a autora Cidinha da Silva está inserida em um cenário contemporâneo em que a literatura brasileira se apresenta de maneira plural, como uma longa fita de matizes coloridas, dando enfoque a outras vozes e carregando marcas e subjetividades de seu contexto histórico e de suas lutas. Sua obra aborda temas latentes da sociedade brasileira, exclusivamente do cotidiano familiar, e provoca reflexões sobre a performatividade das relações de poder entre um casal (homem-mulher) brasileiro, fazendo uma forte crítica ao sistema patriarcal ainda vigente. Ela se utiliza do recurso literário do insólito para traduzir os dramas das quais as

---

<sup>8</sup> Exu “é uma das principais divindades do ioruba e do jeje. [...] Seria o mensageiro que faz ponte que faça ponte entre o humano e o divino e muitas vezes é descrito como sendo travesso, fiel e justo.” Leia mais em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-um-exu>. Acesso em: 15 ago. 2022.



mulheres ainda vivenciam em nosso país, e lhes dá a possibilidade de reflexão diante tamanha violência que vivenciam dentro de seus lares.

## PALAVRAS FINAIS

Refletindo sobre as relações de poder estabelecidas socialmente percebemos que a interseccionalidade como ferramenta analítica pode-nos fornecer uma lente mais abrangente para abordar as representações femininas na literatura brasileira. Ela mostra que fatores estruturais estão em jogo nessas relações de poder, representadas na literatura. No conto em questão, uma mulher, mais velha, trabalhadora, de classe baixa seria substituída, como se fosse um objeto, por uma outra mulher. O poder que o marido exerce sobre sua esposa se dá por meio das relações que criaram as próprias categorias “ganhador” e “perdedor”, relações construídas socialmente.

Assim, percebeu-se que havia diferenças fundadas em gênero, de modo que a autora precisou instaurar o insólito ficcional no conto em tela para efetuar uma denúncia social, visto que ainda hoje, em nossa sociedade, há a prática de violências contra a mulher. Essa recorrência de violências e a crença de superioridade masculina ainda se faz presente, mas, de forma sedimentada (MUSZKAT, 2018, p. 11).

À vista disso, compreendemos que a sedimentação desta crença de superioridade masculina, faz com que a figura feminina, representada no conto consinta ativamente esse status de dominada, ao entender que seu marido é um bom pai e por isso ignora as condições que vivencia.

É somente quando a personagem vê com os próprios olhos a performance do marido ao traí-la que ela tenta dar vazão a sua raiva, mas “não tinha forças”. Nesse sentido, na narrativa em questão, por meio de uma realidade fantástica, a autora vai além da denúncia social da condição feminina, e a representa como virtuosa frente a situação de velar o marido que acabara de lhe trair. Ela promove ainda, por meio do insólito, a reflexão do leitor, conscientizando-o do estado de aprisionamento feminino, para que este gere uma ação de reprovar tal comportamento, assim como a protagonista, a partir da descoberta do funcionamento do sistema patriarcal, que proporcionou sua subordinação ao marido como algo natural.

A autora consegue provocar seus leitores dando ao conto um final aberto, característico das narrativas insólitas. Nelas, há a possibilidade de ter ocorrido uma subversão da representação da figura feminina, pois, comumente, vemos mulheres em situações semelhantes à da protagonista se suicidarem. Contudo, nessa narrativa, uma das possibilidades de leitura é que a figura feminina cometa o homicídio, matando seu marido. Dessa forma, ela efetiva uma vingança metafórica contra os homens, por meio de recursos insólitos ligados à metáfora do lobisomem, fazendo justiça e aproximando seus leitores do ideal contemporâneo de igualdade.

## REFERÊNCIAS

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Trad. Nilton Cezar. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.

CIDINHA DA SILVA. **Literafro**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva>. Acesso em: 27 abr. 2022.



COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de RaneSouza. São Paulo: Boitempo, 2021. 287 p. (*Intersectionality*)

CRUZ, Márcia Maria. **Geledés**, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cidinha-da-silva-lanca-um-exu-em-nova-york-na-ufmg>. Acesso em: 04 jun. 2022.

LOFF KNAPP, Cristina. Revista "A Mensageira": ascensão da mulher no universo letrado. **Jangada: crítica | literatura | artes**, [S. l.], v. 2, n. 15, p. 87–105, 2020. DOI: 10.35921/jangada.v2i15.250. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/250>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MIRANDA, Caio Vitor Marques. Mulheres insólitas: A presença do neofantástico no conto “Pequeñas mujercitas”, de Solange Rodríguez Pappe. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 73–84, 2021. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/14276>. Acesso em: 1 maio. 2023.

MUSZKAT, Malvina. **O homem subjulgado**: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. São Paulo: Summus, 2018.

RECTOR, Monica. **O conto na literatura brasileira**: teoria e prática. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ROAS, David. Em torno a uma teoria sobre o medo e o fantástico”. In: \_\_\_\_\_. VOLOBUEF, Karin; WIMMER, Norma; ALVAREZ, Roxana Guadalupe Herrera(org.). **Vertentes do Fantástico na Literatura**. São Paulo: Annablume, 2012.

ROCHA, Marcela Grazielly. **Revirando o baú na sala de aula**: a tenacidade do cotidiano na obra de Cidinha da Silva. Prof. Dra. Valdenides Cabral de Araújo Dias. 2017. 112 f. Dissertação – Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Currais Novos, 2017. Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/23488/1/MarcelaGraziellyRocha\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/23488/1/MarcelaGraziellyRocha_DISSERT.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. v. 1. 80p.

SILVA, Cidinha da. Cidinha da Silva: ‘a literatura expande nosso diálogo com o mundo’. [Entrevista concedida a] Jéssica Moreira. **Fundação Rosa Luxemburgo**, São Paulo, set. 2020. Disponível em: <https://rosalux.org.br/cidinha-da-silva-a-literatura-expande-nosso-dialogo-com-o-mundo>. Acesso em: 21 maio 2022.

SILVA, Cidinha da. Percurso de uma escrita durante o percurso de doutoramento. **Revista Z Cultural**, Rio de Janeiro, v. 2. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/percurso-de-uma-escritora-durante-o-periodo-de-doutoramento>. Acesso em: 18 jun. 2022.

SUTTIE, Jill. **Núcleo Numi**, 2018. Disponível em: <https://nucleonumi.com.br/como-as-mulheres-podem-usar-sua-propria-raiva-para-o-bem/>. Acesso em: 20 jun. 2022.



TREVISAN, Ana Lúcia. **Curso:** Mulheres do Fantástico (Aula 3). YouTube, 20jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=40N7rzRsnSM>. Acesso em: 29 jul. 2022.

TREVISAN, Ana Lúcia; ATIK, Maria Luiza Guarnieri. **Narrativas insólitas ou realidades possíveis.** São Paulo: Todas as Musas, 2019. 184p.